

APROPRIAÇÕES INDÉBITAS

(Jornal do Brasil – 18/05/2006)

A política é, infelizmente, a arte de enganar. De apropriar-se das idéias e atos bons de terceiros, quando se está no poder, tornando-as próprias, e considerar que todas as idéias e atos maus de seu governo devem-se à herança maldita dos governos anteriores.

O sucesso político dificulta a “investigação de paternidade”, pois todos são pais do filho bem sucedido, enquanto o fracasso político é órfão, o verdadeiro pai sempre se furtando aos testes comprometedores de DNA.

Infelizmente, em maior ou menor escala, esta é uma característica dos governos, no mundo e no tempo, apenas não ocorrendo quando o país é dirigido por estadistas, como, na história do Brasil, aconteceu, por exemplo, na admirável presidência de Campos Salles.

A atualidade brasileira, todavia, tem se caracterizado pelo recorde absoluto de tais apropriações indébitas em relação aos bons momentos políticos pretéritos.

Decididamente, o presidente do Brasil não é um estadista. Brilhante líder sindical, continua mais líder sindical que presidente.

Todos os méritos que se atribui não são próprios. São herdados. A política econômica que salvou, em parte, seu governo, nestes 4 anos, é cópia de pior qualidade dos mesmos mecanismos clássicos de controle à inflação e controle das contas públicas do Governo Fernando Henrique. Terminou, porém, exagerando na calibragem dos juros e no fantástico aumento da carga tributária. Teve, a seu favor, o que Fernando não teve no seu 2º mandato, ou seja, a admirável explosão da economia mundial, que lhe permitiu, inclusive -apesar de ser o penúltimo país em “performance” no continente, perdendo apenas para o Haiti- ter, ainda, um crescimento de 2,3% do PIB, em 2005, quando a maioria dos emergentes ficou entre 8 e 10%.

Quanto às mãos sujas de petróleo, com que comemorou a autonomia brasileira no concernente ao petróleo bruto -aludiu o Senador Jorge Bornhausen, no plano político, às “mãos sujas da corrupção”- à evidência, não tem ele senão o mérito de ter seguido a política de Fernando Henrique e dos governos anteriores, principalmente desde Figueiredo, de manter uma trajetória de permanente elevação anual da produção. Herdou, pois, 50 anos de trabalho dos governos que precederam ao seu.

A paternidade de tais sucessos não lhe pertence, exclusivamente, portanto, mas também àqueles que os prepararam, a saber: a política econômica (FHC) e petrolífera (Getúlio Vargas), embora tenha agido, o Presidente Lula, com menor competência, mas não com incompetência. É nítida “apropriação indébita” da pretendida paternidade exclusiva, que, nos seus arroubos oratórios de sindicalista - brilhantes, acentuo sempre-, procura passar à nação.

Seus fracassos, todavia, não constam de qualquer pronunciamento, a não ser para atribuí-los aos “costumes pretéritos”, como ao referir-se ao “mensalão” ou ao “Caixa dois” como heranças da tradição política brasileira, sem perceber que nunca, na história do Brasil, a malbaratação de dinheiro público deu ensejo a propositura de uma ação tão dura contra o governo, quanto aquela ajuizada pelo Procurador Geral da República, referindo-se, na sua peça inicial, aos 40 quadrilheiros. Se eventos semelhantes ocorreram, no passado, como em entrevista, o presidente fez questão de sustentar, indiscutivelmente, em seu governo, as técnicas implementadoras desses maus costumes foram consideravelmente aperfeiçoadas.

O mesmo se diga quanto à “leniência” com que este movimento de estupradores da Constituição, que é o MST, vem sendo tratado, embora, segundo instituto de pesquisa, conte apenas com 18% da população a favor e 75% de rejeição, 7% do povo não tendo opinião a respeito. Quando seus líderes

destroem propriedades públicas e privadas, agriem e matam policiais, comprometem pesquisas desenvolvidas ao longo de 20 anos e decidem que eles são a "lei" e que continuarão desrespeitando o governo e a Constituição, pois consideram as soluções legislativas insuficientes, nitidamente estão declarando que a democracia brasileira não existe e que, como ditadores que são, pretendem impor tal regime no Brasil, tão logo tenham pisoteado de vez todas as instituições. E o Presidente da República incentiva-os, visitando os destruidores de propriedades, acarinhando o movimento no Rio Grande do Sul e elogiando a sua ação de predadores do Direito embora tenha jurado cumprir a Constituição. Como gosto do Presidente Lula, cada vez mais faço questão de alertá-lo que, se continuar nesta rota de colisão com a verdadeira democracia, negror semelhante ao do petróleo poderá cobrir sua biografia.

SP., 25/04/2006.